

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: DESAFIOS EM TEMPOS MODERADORES

Mariane Suriel de Almeida Pereira¹

Jéssica da Silva de Oliveira²

Rita Cristine Basso Soares Severo³

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte da dissertação de mestrado. Trata-se do produto educacional construído ao longo da pesquisa que trouxe como proposta uma ação de Extensão denominada: Gênero e sexualidade na escola: desafios em tempos moderadores⁴ ofertado pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, entre os períodos de 10/07/2023 à 31/07/2023, sob a coordenação das autoras deste texto. A ação de extensão teve como objetivo geral contribuir no desenvolvimento e formação dos/das professores e professoras, e demais pessoas que se interessaram na temática. O projeto foi desenvolvido a partir de treze (13) encontros, destes, sete (7) síncronos e seis (6) assíncronos, pautados em uma metodologia ativa, onde os sujeitos/sujeitas participantes foram os produtores de seu próprio conhecimento. Foram indicadas leituras que embasaram as temáticas discutidas nos encontros ao vivo. Desta maneira, esperou-se que o projeto proporcionasse momentos de reflexão aos participantes e evidenciou a importância da escola como um espaço de apoio. Desta maneira foi divulgado a ação de extensão através das redes sociais da moderadora do evento com a coleta dos participantes via formulário Google.

As extensões universitárias vêm possibilitar às comunidades novas produções de conhecimento e a formação continuada. Nessa premissa, buscou-se

1 Mestrando/a/e do Curso de Educação Profissional da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - mariane-sdapereira@educar.rs.gov.br;

2 Mestrando/a/e do Curso de Educação Profissional da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, jessica-oliveira@uergs.edu.br;

3 Doutora, Professora Adjunta do Curso de Pedagogia - Licenciatura/ UERGS e do Curso de Mestrado Profissional em Educação/ UERGS Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, rita-severo@uergs.edu.br;

4 A ação de extensão foi objeto do produto educacional como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

utilizar uma linguagem acessível e trazer a realidade dos educadores/educadoras em relação à temática gênero e sexualidade na escola. Os conhecimentos realizados em comunhão Universidade-educadores-sociedade compactuam com a potencialidade instaurada diante do modo transformador que as ações podem causar em todos/as/es, levando a futuros movimentos e ações para refletir sobre problemas sociais (como homolesbotransfobia, machismo).

Como relato de experiência, neste resumo, é pontuado os olhares das autoras acerca do primeiro dia da ação de extensão, onde foram discutidas as regulações de gênero e sexualidade nas infâncias. A ação de extensão foi basicamente frequentada por educadores, psicólogos e estudantes da área de pós-graduação relacionadas à temática, onde como um total de 100% (cem) dos participantes achou proveitoso e válida a ação de extensão, na visão das autoras o minicurso, assim denominada pelas mesmas, ajudou de diversas formas os participantes a refletirem sobre suas práticas pedagógicas e combaterem os preconceitos e discriminações em relação ao debate do tema na sala de aula.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este relato de experiência, apresenta a estrutura de composição do Produto Educacional, acerca da extensão universitária do Curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Um produto educacional institui pedagogicamente, um desígnio de aprendizagem. Segundo Behar e Torrezzan (2009, p. 33-65), desígnio de aprendizagem é “qualquer material digital, como, por exemplo, textos, animações, vídeos, imagens, aplicações, páginas web, de forma isolada ou em combinação, com fins educacionais”. Produtos educacionais, conforme a CAPES (2013), podem ser definidos como processos ou produtos educativos usufruídos e utilizáveis em condições reais de ensino, como protótipo ou de cunho artesanal. Processos e produtos educacionais devem ser passíveis de replicação por outros profissionais de ensino.

A ação de extensão utilizou as redes sociais das autoras para divulgar o formulário de inscrição, que coletou os dados dos participantes via formulário Google, o mesmo ficou aberto por 1 (um) mês e teve ao total 52 inscrições, deste total de inscrições, efetivamente participaram 18 pessoas, foram utilizados como metodologias as rodas de conversa, que de acordo com Gonçalves, Rodrigues e Garcia (2018), as rodas de conversa são pontos de partida para se inspirar em outros modos possíveis de se fazer pesquisa que tenham como objetivo os estudos do cotidiano.

Os encontros, foram realizados via plataforma google meet⁵, com reuniões síncronas e assíncronas, onde também foram disponibilizados um grupo de conversa instantânea (whatsapp) e um drive com as obras que seriam utilizadas ao longo do minicurso, todos os participantes autorizaram o uso de sua imagem, áudio e vídeo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para as discussões realizadas ao longo do minicurso, foi indicado alguns autores e autoras que pudessem contribuir com os debates sobre gênero, sexualidade e educação, Ngozi Adichie (2017), Guacira Lopes Louro (2014), Sandra Corazza (2002), Judith Butler (2003), entre outros artigos, dissertações e teses com o intuito de refletir sobre nossas práticas docentes e a importância de iniciar desde a educação infantil os olhares acerca das temáticas abordadas.

Amparadas em Judith Butler (2022) que aborda gênero como uma invenção social, cultural e histórica, iniciamos as reflexões acerca da categorização gênero que exclui e apaga aqueles/aquelas que não se encaixam nos binarismos. “Gênero é o significado social que o sexo assume no interior de uma dada cultura [...]” (Butler, 2022, p.200). Sendo assim, entendemos que gênero não é contrário de sexo. Sexo é absorvido pelo gênero. Gênero está ligado aos significados que o sexo irá assumir. Sexo e gênero se constituem a uma só vez, como construção, como invenção, como ficção. Não há, portanto, separação, ente sexo e gênero. Para Judith Butler (2022), gênero é um ato performático, teatro incessante do corpo que precisa de reiteradas repetições para se constituir. Assim, posso ser biologicamente do sexo feminino, mas performar socialmente como gênero do sexo masculino. A autora pontua que somos regidos pelos processos regulatórios e normas sociais sobre os sexos, pautados pela hegemonia heteronormativa, que torna seres abjetos, monstruosos aqueles e aquelas que não obedecem às normas aprisionantes do gênero.

Guacira Louro (2022) pondera que a sociedade busca fixar as identidades, rotulando, dividindo, categorizando os sujeitos e as sujeitas: “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas, definidas pelas relações sociais, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.” (LOURO, 2022, p.12). Essas relações de poder vão legitimar discursos que, tomados como verdades, nos dizem como

5 Optou-se pelo ensino remoto, para que uma gama maior de sujeitos/sujeitas pudessem ter acesso aos conteúdos.

devemos nos portar, quem devemos amar, quais corpos que valem como forma inteligível de viver.

E a escola reproduz esses discursos, que estão implicados em nossa cultura. Dessa maneira, Guacira Louro (2014) vai falar da urgência de rompermos com as naturalizações, pois escola fabrica e reproduz as desigualdades e os preconceitos, mas é inerente que comecemos a nos incomodar e nos posicionarmos para que as mudanças aconteçam. Todavia, entendemos que não é uma prática simples e precisa de aliados para tal, além de disposição para interferir (LOURO, 2014). É preciso posicionamento docente contra as práticas que operam a favor de quaisquer discriminações. Sandra Corazza (2002, p. 62) destaca: “[...] as exclusões sociais e subjetivas impostas pelo currículo são aceitas como “coisa natural” por aqueles sobre os quais atua, e são por ele dominados.”

De tal modo, desde a educação de infâncias carece rompermos com as naturalizações que estabelecem os padrões de gênero e sexualidade. “Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (ADICHIE, 2017, p. 15). Rejeitar os estereótipos desde a educação infantil para que as crianças vivam suas infâncias o mais livre e leve possível (ADICHIE, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos encontros foram abordados os temas *nome social, ideologia de gênero, a dificuldade de trabalhar gênero e sexualidade com os/as discentes no ambiente escolar, regulações nas infâncias*, e outros que foram sugeridos e surgindo ao longo das rodas de conversa. Buscou-se contemplar todas as dúvidas dos participantes, algumas perguntas já eram esperadas, como nome social, sobre as questões da ideologia de gênero, mas surgiram outras em relação às ações psicológicas com os alunos. A dificuldade de trabalhar essa temática com os estudantes e também com o corpo docente, atribuímos ao apagamento do conceito (gênero e sexualidade) ao longo dos anos, mesmo que na constituição federal de 1988, esteja indicado que se deva trabalhar com a igualdade, ela não especifica a/as qual (is) identidades e corpos estão no guarda-chuva da constituição. Além de outras legislações que amparam o estudo das temáticas na escola, essa que é um local do saber, do aprender se tornou um local do se limitar, reprimir e ocultar sua personalidade ou sexualidade. Tudo aquilo entendido como inadequado, quando deveria ser ao contrário, os estudantes e professores deveriam se sentir livres para discutir todos os assuntos, e principalmente aqueles que abordam gênero e sexualidade.

No primeiro dia, conversamos sobre as infâncias e as regulações que ocorrem desde a tenra idade. Que ao invés da infância ser etapa de experimentações, tornou-se tempo de aprender como ser menino ou menina, regidos pelas expectativas adultas e o que impera é o sexismo, homofobia. (BALISCEI, 2022). Também identificamos práticas machistas que regem nossa cultura, como a divisão dos gêneros por brinquedos, brincadeiras e cores. Que não há espaço para manifestações de outros padrões além do binário. Que aqueles sujeitos e sujeitas que transgridem são hostilizados, enclausurados e reprimidos nos nichos dos padrões sociais (LOURO, 2014). Apresentamos algumas práticas feministas realizadas em uma escola pública, em que os participantes identificaram algumas situações que também presenciaram em suas práticas. Evidenciaram a importância de debatermos as temáticas na escola e de estarmos amparados/as legalmente e teoricamente.

Em um registro final avaliativo disponível em formulário google, todos/as/es participantes falaram de forma positiva em relação ao formato do minicurso, do modelo remoto, que pode propiciar os encontros de pessoas de vários estados do Brasil. Assim como, a possibilidade de profissionais como professores, psicólogos e educadores de outras universidades compartilharem seus trabalhos que estão sendo desenvolvidos em suas universidades e escolas.

Sobre o minicurso em sua abordagem geral os participantes pontuaram que:

O evento foi um espaço de discussão, problematização e aprendizagem muito potente para repensarmos sobre gênero, sexualidade e demais assuntos afins, relacionando essas temáticas com as nossas vivências pessoais e profissionais, inclusive com o espaço da escola. Parabenizo pelo excelente produto educacional!.(participante 3).(Relatório das autoras, pág. 05, 2023)

A opinião dos participantes também foi bastante positiva, como em sua maioria são educadores, alguns comentários evidenciaram a importância do minicurso ter sido ministrado por uma professora da rede pública, com conhecimento da realidade das escolas. Dessa forma, as ações ocorridas ao longo do percurso formativo ajudaram os participantes a refletirem sobre suas práticas pedagógicas e combaterem os preconceitos e discriminações em relação ao debate dos temas no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o minicurso, buscou-se uma linguagem clara e acessível, de encontro com a realidade da educação pública brasileira, o que resultou uma parceria

mútua entre participantes e ministrantes. Debates importantes aconteceram, em que se refletiu sobre os processos de subjetivação implicados aos sujeitos e sujeitas desde as infâncias, as práticas desiguais sobre aqueles/as que transgridem e a importância da educação para o combate aos preconceitos.

A intenção com a ação de extensão foi sempre proporcionar a pluriparidade dos corpos e identidades dos participantes, bem como enaltecer uma escola pública acessível e de qualidade, pois não basta apenas uma disciplina tratar sobre as temáticas gênero e sexualidade, mas um envolvimento de toda a escola a fim de torná-la um espaço de afeto, proteção e de práticas de liberdade.

Entende-se que, a temática sobre gênero e sexualidade na escola demanda uma resignificação das práticas, um desapego das teorias arcaicas e resiliência para enfrentar o conservadorismo que cresceu consideravelmente no Brasil nos últimos anos, afetando e aprisionando os fazeres docentes.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educação; Curso de extensão; Práticas docentes;

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto.** 1ª ed., São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

BALISCEI, João Paulo. **É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação.** 1.ed. [recurso eletrônico] / [org.] João Paulo Baliscai. – 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2022.

BEHAR, Patrícia A.; TORREZZAN, Cristina A. W. **Parâmetros para a construção de materiais educacionais digitais do ponto de vista do design pedagógico.** In: BEHAR, Patrícia A. (Cols.). **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância.** v.1. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAPES. **Documento de área 2013.** Brasília: CAPES, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 191-219.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno na educação:** Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Belo horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. (1996). **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PEREIRA, Mariane. **Relatório minicurso ação de extensão, gênero e sexualidade na escola: desafios em tempos moderadores**. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3319-5507>, 2023.

GONÇALES, Rafael Marques; RODRIGUES, Allan & GARCIA, Alexandre. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não 1ª reimpressão**, São Paulo: Ayu Editora, 2010.